

A MANIPULAÇÃO DO INCONSCIENTE E AS ELEIÇÕES BRASILEIRAS DE 2022

Guilherme Bachmann¹

O contexto político-eleitoral brasileiro vem tomando contornos bem definidos desde que a pandemia de covid-19 assolou o planeta e expôs fragilidades na maneira como os estados nacionais conseguem responder a crises relativamente pequenas. O prestígio que o atual presidente possuía (devido à construção de sua imagem em torno de uma suposta superioridade moral, incorruptibilidade, religiosidade e conservadorismo de uma maneira geral) perdeu força devido às demandas materiais imediatas que se impuseram sobre a população. O discurso anticorrupção, a ameaça do “comunismo”, a defesa de uma “liberdade econômica” perdem tração em um cenário onde o Estado se mostra incompetente para gerir os dilemas normais da sociedade capitalista. A população cada vez mais empobrecida se preocupa muito mais com sua situação imediata do que com supostos dilemas morais e éticos que envolvam uma gestão “honesta” do Estado. A principal preocupação do momento é ter alguém competente (para gerir o Estado capitalista), muito mais do que alguém que represente seus valores, e no quesito competência, Bolsonaro sai com desvantagem.

Do outro lado, os progressistas não poderiam estar mais contentes. “Nunca antes na história desse país” houve um presidente tão atrapalhado. Expor as contínuas desventuras do atual chefe do executivo é uma tarefa bastante simples. No geral o próprio as deixa escancaradas a quem quiser ver em suas *lives* ou em declarações oficiais. O Partido dos Trabalhadores, e em especial seu candidato Luís Inácio Lula da Silva, saiu de uma posição de descrédito e desconfiança para uma em que se mostra como alternativa racional frente à loucura. Lula tem muito o que agradecer a Bolsonaro. Sua situação hoje é de alguém que já pode pensar em estratégias para ganhar em primeiro turno. Algo impensável há quatro anos.

Os acontecimentos concretos, embora sejam a origem real dos fenômenos, não explicam por si essa mudança. Afinal, o imenso número de antipetistas e autodeclarados

¹ Graduando em psicologia pela Unisociesc Blumenau/SC e militante do MOVAUT (Movimento Autogestionário). Email: bachgui@gmail.com

“anticorrupção” não deveriam aceitar de imediato Lula como principal candidato. Teria essa parcela da população, de certo, tornado-se petista ou lulista da noite pro dia? Teriam abandonado os valores mais alinhados ao discurso conservador? Certamente que não. Algo ocorre na facilidade que Lula encontra em se mostrar como candidato viável para além dos eleitores habituais. Também os interesses de classe e os movimentos manipulativos tradicionais dos políticos profissionais não explicam de forma isolada este cenário eleitoral. Muitos foram os pré-candidatos que se apresentaram como alternativa a Bolsonaro em oposição à Lula, e levando em consideração o descrédito que o PT adquiriu nos últimos anos, era de se esperar que tivessem alguma expressão nestas eleições, nenhum até agora mostrou-se capaz de realizar tal feito. Deve-se questionar, então, qual mecanismo está por trás desse aparente ganho de popularidade do ex-presidente e, se possível, desmistificar esse processo procurando lançar uma luz para além da esfera eleitoral.

O presente texto pretende analisar o contexto eleitoral brasileiro do ano de 2022 através do campo das motivações individuais e coletivas dos eleitores. Faz-se necessário, para que se possa compreender a real dimensão do impacto que o espetáculo eleitoral possui nos indivíduos, estudar este processo não apenas por suas manifestações materiais, mas também psíquicas. A pessoa que vota (ou não) é um ser humano que possui história de vida, desejos, fantasias, motivações, que não são desligados no momento de votar para “decidir racionalmente” sua escolha. Esses desejos e fantasias, seus medos e expectativas, compõem o quadro individual e coletivo que interage com os acontecimentos recentes e responde a eles de forma específica. Além disso, do outro lado, os partidos e políticos buscam a todo momento explorar esse campo psíquico de forma a facilitar sua vitória e garantia de espaço na máquina estatal. Pretende-se aqui contribuir com a discussão, inserindo o conceito psicanalítico do inconsciente na compreensão do fenômeno eleitoral.

Das motivações inconscientes de acordo com a psicanálise clássica

Sigmund Freud descobriu através de sua extensa pesquisa clínica que os indivíduos que sofriam das chamadas patologias mentais possuíam conflitos entre diferentes mecanismos psíquicos. Os sintomas de seus pacientes provinham de

emoções, memórias e desejos reprimidos que encontravam outros caminhos para se manifestarem (FREUD, 2011; 2019). Essa repressão ocorria em razão da necessidade de suprimir aquilo que não seria aceitável na convivência social, ainda que constituísse a natureza humana tal qual os aspectos não reprimidos (FREUD, 2010). O material reprimido permaneceria inconsciente para o indivíduo pois caso o contrário este se sentiria horrorizado por seu conteúdo. No que se refere à psicanálise clássica, todos os desejos e motivações derivam do princípio do prazer, uma busca incessante por descarga libidinal, que é sempre detentora de um caráter sexual² (FREUD, 2011; 2019), e do princípio da realidade, regulador racional e necessário à convivência social.

Tal descoberta revelou não apenas o mecanismo pelo qual as neuroses operam, mas também aspectos do comportamento humano de forma geral. A partir da descoberta do inconsciente e do desenvolvimento de técnicas para conhecer seu conteúdo, foi possível entender motivações e razões por toda uma série de atitudes individuais e coletivas que antes permaneciam ocultas. O estudo dos impactos inconscientes de determinadas expressões e ações nos indivíduos rendeu inclusive uma maior capacidade de controle social por parte do Estado capitalista no último século, como evidencia a história de Edward Bernays³ (GEHRES, 2021). O uso de ferramentas e conhecimentos psicanalíticos, bem como da psicologia, para manipular e favorecer determinados discursos e posições políticas não deve ser considerado apenas como provável, mas deve-se assumir que estão ocorrendo de forma ativa durante o processo eleitoral.

Bolsonaro constituiu sua imagem através de discursos que tocam vários pontos sensíveis à população masculina. A recorrente afirmação da masculinidade através do uso de um discurso de reforço do “homem” e do que isso representa, a utilização de

² A complexidade da psicanálise e seu entendimento do inconsciente é muito mais extensa do que isso, e não há aqui a intenção de resumi-la a este parágrafo. Entretanto, para fins de um texto curto não há a intenção de se aprofundar em explicações mais bem elaboradas. Sugere-se como material de pesquisa “A interpretação dos sonhos” e “Conferências introdutórias à psicanálise” de Sigmund Freud.

³ Conhecido como “pai das relações públicas”, utilizou a pesquisa psicanalítica para criar propagandas que influenciassem a opinião pública em favor da democracia e da sociedade capitalista. O documentário “O século do Ego” de Adam Curtis faz um bom levantamento de sua história de vida e influência na sociedade americana.

simbologias que reforçam essa “masculinidade” através da exaltação de armas, a constante verborragia de comentários direcionados à diminuição e ataque à masculinidade ou falta desta em seus adversários, etc. Seu comportamento por vezes lembra um aluno de quinta série que desenha representações do órgão sexual masculino sempre que possível enquanto busca ridicularizar e diminuir os outros garotos da turma acusando-os de serem homossexuais. De fato, tal analogia não está tão longe da verdade. A arma pode muito bem servir como um símbolo viril (FREUD, 2019) e, portanto, reafirmar sua condição masculina, tanto como representação fálica quanto símbolo do exercício do poder através da violência. O símbolo com as mãos é ainda mais revelador, pois abstrai o contorno da arma a um anexo do seu próprio corpo, revestido com sua pele, alongado e ereto (é preciso que o dedo faça o movimento de subir) com o qual ele usa para apontar aos outros (assim como seus seguidores também o fazem). “Aqui está meu falo, minha arma, eu o tenho e vou usá-lo”. Tal qual o estudante da quinta série, repete tal ato de forma a imprimir esta representação em toda e qualquer imagem gerada de sua pessoa, aludindo aos eleitores que ele representa o que há de potência masculina, o suprassumo do “macho”, e quem estiver com ele fará parte de tudo que reforça essa potência masculina, ao contrário dos que estão contra.

Isso fica evidente nos embates entre bolsonaristas e não bolsonaristas. Frequentemente seus seguidores acusarão aqueles que não estão com Bolsonaro de não serem heterossexuais, qualquer que seja a importância disto no debate. Bolsonaro mexe com as inseguranças sexuais masculinas compartilhadas por gerações e impressas de forma profunda no inconsciente dos homens. Partindo da teoria freudiana clássica, o menino que deseja a mãe para ele quer desafiar o pai que o ameaça com a castração, ameaça lhe tirar o que há de mais precioso e que representa seu poder. Temeroso do resultado de um confronto com alguém visivelmente maior e mais forte, o menino conforma-se em submeter-se ao pai e identificar-se com ele, incorporando características dele ao seu próprio eu, mantendo assim sua virilidade. O menino cresce, mas a marca da castração permanece, as impressões infantis continuam a exercer efeito sobre o indivíduo só que de forma inconsciente (FREUD, 2016; 2019). Bolsonaro utiliza um discurso que castra quem não estiver com ele (se você não gosta de Bolsonaro deve

ser porque é homossexual/afeminado) e acolhe todos aqueles que se identificam com sua figura, garante a eles o reforço dessa masculinidade e a detenção de seu falo.

O discurso bolsonarista é muito mais apelativo aos homens do que às mulheres, justamente em razão do que foi exposto. Para muitas mulheres, o absurdo de seu discurso é mais perceptível por serem menos tocadas no que diz respeito à insegurança masculina. Ainda assim pode-se aferir que muitas poderão reconhecer nele uma figura semelhante e acolhedora, tendo em vista que várias tiveram figuras paternas muito parecidas com ele na infância. Elas não possuem a insegurança masculina mas seus pais a possuíam (FREUD, 2019), fazendo com que nesse ponto Bolsonaro toque no seu desejo inconsciente ao se revelar como alguém similar a um dos primeiros objetos de desejo do indivíduo. Muitos desses pais com certeza foram homens tão grosseiros, inseguros, violentos e “machões” quanto Bolsonaro. Tal semelhança não precisa ser percebida, se dá de forma inconsciente e é apenas isso que é necessário (FREUD, 2016).

Lula, por outro lado, tem mais popularidade com as mulheres, talvez por que seu adversário gera essa insegurança masculina, e deve-se iniciar a análise de sua campanha por elas. A partir do momento em que Lula sai da prisão, começa-se a trabalhar informalmente em sua campanha para presidente. Sua principal aposta, é claro, é focar na diferença de contexto econômico de seu governo com o atual. O Brasil entre os anos de 2003 e 2009 foi marcado por um crescimento econômico de capital interno, o que facilitou um aumento nos gastos do Estado com políticas sociais. Lula se apresenta como aquele que pode fazer retornar este período de estabilidade, que pode garantir a ordem, que saberá gerir “a bagunça” e garantir a todos um futuro promissor. Seu apelo, de certa forma, também diz respeito à masculinidade, de forma menos agressiva. Lula é o “grande pai”, o provedor. Sob sua responsabilidade seus filhos não passam fome, estão protegidos. Ele lutará por eles e garantirá seu sustento, enfrentará quem estiver ameaçando-os e garantirá que sua família estará segura. É a figura do pai e do marido ideal (que bem sabemos, no que diz respeito ao inconsciente, são duas figuras que se confundem) aquele de quem se você devotar seu amor, garantirá que nenhuma mazela há de lhe ocorrer.

Este apelo também atinge os homens, é claro, como modelo ideal de ethos⁴ masculino. Entretanto, há outra esfera na qual vale dar importância, que esclarecerá melhor esta discussão. Nos últimos dois anos foram frequentes divulgações de fotos do ex-presidente praticando exercícios, mostrando força, usando trajes de banho, etc. Uma foto de agosto de 2021 mostrava Lula de sunga com sua atual namorada e a disposição da foto parecia favorecer a visualização das coxas do ex-presidente, abertas de forma que a observação do volume genital em sua sunga era possível. A foto prontamente viralizou e uma enxurrada de elogios femininos (bem como masculinos) tomou a internet, alguns com conotação sexual explícita. Diversas outras imagens de Lula malhando, correndo, na praia, circulam na internet. Este trabalho, de divulgação dessas fotos, ajuda a montar uma espécie de *sex appeal* em torno da figura de Lula, ainda que este seja um senhor de 80 anos longe dos padrões de beleza. É essa mistura do pai ideal, do marido ideal (que lembra o pai) e de homem desejável sexualmente que se busca explorar nessas narrativas, em especial nas redes sociais. A “foto da coxa” de Lula pode até ter sido feita de forma não intencional, mas seu compartilhamento nas redes foi planejado e muito bem executado. Nenhum dos outros candidatos opositores a Bolsonaro reúne características tão apazíveis do masculino. Enquanto Bolsonaro representa a masculinidade em sua insegurança, sua ansiedade da castração, Lula representa aquilo que há de mais afetuoso nas figuras paternas e no que se costuma buscar em parceiros românticos de longo prazo. Segurança, estabilidade, provimento, satisfação sexual, são mensagens inconscientes exploradas pela propaganda do ex-presidente.

Das motivações inconscientes a partir de uma episteme marxista

Freud enxergava todo desejo como essencialmente sexual. As manifestações que já não aparentavam ter ligação com as necessidades sexuais teriam chegado a essa configuração através do deslocamento que possibilita a descarga libidinal por outros caminhos. Diversos autores realizaram críticas a este pansexualismo freudiano (FROMM,

⁴ Refere-se aqui ao conceito de ethos sexual apresentado por Viana (2010) que indica uma forma específica de apresentação do masculino e feminino determinado pelo desenvolvimento histórico, relações sociais e aspectos biológicos.

1992; SCHNEIDER, 1977; VIANA, 2010) e avançaram a discussão sobre o inconsciente em direção às necessidades humanas, e sua repressão. Nesta perspectiva, entende-se que o ser humano possui necessidades e procura satisfazê-las, mas possui a característica de através da socialização compreender-se como parte de um grupo e não agir puramente baseado em seus interesses egoístas, reprimindo desejos que seriam danosos à vida coletiva. Com o advento das sociedades de classe, a satisfação das necessidades passa a ser controlada pela lógica social erigida a partir de um modo de produção específico, que precisa reprimir certas características humanas para poder continuar existindo. Tal divisão no aparelho psíquico, portanto, surgiria com a complexa sociabilidade humana e as regras de convivência social tal como Freud havia pensado, mas não é a única determinação que compele à repressão de desejos e sentimentos. É também a sociedade e as condições materiais que impelem aos indivíduos a reprimir determinados aspectos de sua humanidade para favorecer este modo específico de produção e a manutenção de suas características (PEREIRA; MARQUES; SANTOS, 2010; SCHNEIDER, 1977; VIANA, 2012).

Isso não anula as considerações freudianas sobre a sexualidade, Freud estava correto em separar uma grande importância para este aspecto humano. Há de se abrir, entretanto, o leque das emoções humanas para além do que é sexual, e isso inclui o que é reprimido e relegado ao inconsciente. O modo de produção capitalista elevou o valor de troca das mercadorias a um fim em si mesmo, toda a produção material da vida em nossa sociedade gira hoje em torno da produção de mais-valor, e não mais da satisfação das necessidades humanas. Tais mercadorias precisam apenas aparentar oferecer algo, ter um valor de uso aparente, para que possam ser desejadas e compradas, concluindo o ciclo de produção de mais-valor (SCHNEIDER, 1977). Na verdade, quanto menos satisfeito o indivíduo ficar com as coisas que ele consome melhor para o capitalista, que ainda terá um indivíduo buscando satisfação em seus produtos. Tal relação invade o corpo social como um todo, coloniza todos os aspectos da vida humana, incluindo o psíquico. Somos desde cedo, a começar pela família (que é formada por indivíduos constrangidos por esta lógica social), ensinados a valorizar o planejamento e a organização, limpeza e obediência, respeito e integridade. Nossos valores estão ligados ao que há de mais útil à reprodução do capital em todas as suas instâncias, também

somos repreendidos se mostramos características contrárias ao funcionamento normal desta sociedade, sendo a sexualidade um dos aspectos mais importantes a serem repreendidos para um controle social eficiente (SCHNEIDER, 1977).

Bolsonaro foi eleito em um momento que muitos indivíduos haviam perdido não apenas sua renda e condições materiais reais, mas seu modo de vida como um todo perdeu uma parte da aparente abundância que havia sido estabelecida nos últimos anos no Brasil. Aparente porque as condições sociais no Brasil, embora tenham de fato “melhorado”, estavam longe de ter tido o ganho de qualidade propagandeado pelos progressistas. Houve no Brasil um aumento significativo de acesso à mercadorias específicas como televisões, computadores, carros, através de um momento econômico particular que permitiu um aumento do financiamento destes produtos em conjunto com o processo de aumento da acumulação capitalista. A capacidade de adquirir mercadorias com grande valor de uso aparente, com as quais se pode exibir uma falsa imagem de mudança nas condições de classe, perdeu tração e com isso houve um profundo descontentamento da população. As mercadorias, é preciso reiterar, não são apenas o produto material. Elas assumem um aspecto fantasmagórico que se ergue acima delas, sua imagem torna-se mais importante que o produto real, seu valor de uso aparente sobrepõe o valor de uso concreto e ocorre um processo de mistificação em torno de sua função⁵. Um carro não é apenas um meio de transporte, ele carrega uma mensagem sobre a condição de classe do indivíduo, sobre sua personalidade, suas escolhas de vida, levanta interesses e assume um papel de realização pessoal. Ao menos é isso que as propagandas, em conformidade com o discurso dominante, procuram levar às pessoas, alienadas das condições reais de satisfazerem de fato suas necessidades humanas, a acreditar que a realização e satisfação de seus desejos se encontram naquela mercadoria (SCHNEIDER, 1977).

No atual estágio do desenvolvimento capitalista, perder parte da capacidade de adquirir essas mercadorias é perder parte do que se acredita como fundamental para a existência. Se as relações de mercado são as relações com maior teor místico que já existiu (SCHNEIDER, 1977), retirar dos indivíduos o acesso destes produtos é como

⁵ Para aprofundar essa questão ver o conceito de reificação em Lukács (2003).

retirar-lhes do contato com seus deuses. Bolsonaro explorou esse descontentamento ao aproveitar a desconfiança da população para com PT, associando a gestão petista aos problemas econômicos que surgiram na década passada. Faz isso também utilizando-se de mistificações e imagens que ganham vida própria e alçam-se sobre a realidade como verdades religiosas. Não seria apenas o PT, mas o “comunismo” que ameaça cada Brasileiro de perder tudo o que possui, e esse “comunismo” estaria em todas as partes, tomando conta de todas as instituições. O único capaz de combatê-lo, é claro, é Bolsonaro. Mas não é seu discurso propriamente que apelou para a razão do eleitor, e sim o apelo inconsciente do medo de continuar perdendo os objetos de desejo.

A satisfação das necessidades humanas é continuamente, da infância à velhice, negada à maior parte da população. Negada porque os meios materiais de satisfazer as necessidades primárias são propriedade particular de alguém. Para que se possa comer, beber, vestir-se, etc, é preciso submeter-se às vontades da classe dominante que possui os meios de produção. E sua vontade resume-se apenas ao acúmulo de mais-valor (MARX, 2013). Para realizar esse acúmulo é preciso não só produzir, mas vender, e para vender é preciso que haja compradores. Nas últimas décadas houve um trabalho intensivo de direcionar essas necessidades e desejos negados e reprimidos para uma satisfação ilusória na aquisição de mercadorias que não resolvem de fato essa falta, mas passam a imagem e uma promessa de que irão (SCHNEIDER, 1977). O ser humano destroçado e oprimido, alienado de sua condição natural (VIANA, 2012) criativa e ativa sobre o mundo, encontra um consolo nos pequenos prazeres momentâneos proporcionados por mercadorias que mantêm o ciclo de sua exploração.

As mercadorias, ou sua promessa de satisfação, tornam-se substitutas dos verdadeiros objetos de desejos inconscientes (SCHNEIDER, 1977). Se não é possível ter uma relação humana e agradável com um parceiro sexual verdadeiramente interessado, é possível consumir pornografia, filmes de romance, modelos de redes sociais, partes de corpos avulsos em imagens editadas e filtradas como um bife é cortado e embalado pronto para consumo. Se não é possível encontrar satisfação no produto do seu trabalho é possível realizar atividades extra-expediente, mediante consumo, que aparentam dar um sentido à existência como hobbies, viagens de férias, atividades físicas, comidas especiais, substâncias psicoativas que trazem euforia a uma existência profundamente

entediante. Se não é possível ter papel ativo no corpo social e tomar decisões de fato relevantes sobre a vida e sobre o mundo, é possível gastar-se em grandes contos heróicos, jogos virtuais que permitem grandes atos e papel ativo, *reality shows*, séries televisivas onde o personagem foge de sua condição passiva e torna-se protagonista do enredo, e é claro, votar de quatro em quatro anos numa figura que lhe promete uma vida melhor.

Esse temor inconsciente de perder o acesso à satisfação dos desejos e necessidades, artificialmente situados hoje nas mercadorias de consumo, que Bolsonaro explorou ao relacioná-lo aos progressistas e ao "comunismo", é o mesmo fenômeno que agora vem garantir sua derrota (quase certa). Essa perda material da capacidade de adquirir as mercadorias capazes de gerar satisfações momentâneas não só não foi resolvida como foi intensificada durante sua gestão. Aos poucos, o discurso da “ameaça comunista” vai perdendo força, uma vez que o “anticomunismo” parece ter apenas piorado a situação. Tal condição favorece a imagem de Lula e de seu discurso, mas não apenas no plano racional e consciente. Os brasileiros que viveram durante o governo Lula obtiveram um maior acesso às mercadorias, e isso fica marcado nas experiências e memórias do indivíduo. O processo de busca à fonte do prazer, ainda que momentânea e ilusória, exerce uma força poderosa nesse contexto. O indivíduo que antes tentava suprir a falta da satisfação genuína com as mercadorias que lhe proporcionavam pequenos prazeres agora vê-se impedido até mesmo deste gozo passageiro. Não é difícil entender que, como um viciado que fará qualquer coisa para conseguir um pouco mais de sua substância de preferência, até o mais antipetista tenha sentimentos inconscientes atrelados a essa satisfação de prazer associada ao governo Lula.

A grande vantagem dos progressistas é estarem associados a um período vivenciado pelas pessoas em que a satisfação parcial dos desejos era garantida através de mercadorias propagandeadas como soluções para o atual vazio existencial gerado pela alienação capitalista. Promovem essa satisfação ilusória da mesma forma que as propagandas promovem as mercadorias, não pelo seu conteúdo real, mas por uma mistificação em torno de um valor ilusório. De repente não se trata mais de um período em que houve um aumento na capacidade de consumo médio das famílias, mas um momento em que a felicidade genuína reinava soberana. Exploram essa ideia ao reviver

memórias de um passado onde “pobre comia picanha”, “pobre andava de avião”, “gasolina era barata”, entre tantos jargões simplórios que simplificam o dilema dos problemas sociais à mera capacidade de acesso às mercadorias que nos são oferecidas. “Eu não sou um ser humano, eu sou uma ideia” disse Lula na data de sua prisão, e ele está absolutamente correto.

A importância do fenômeno de Lula revela-se na sua capacidade de amenizar as tensões crescentes em torno da luta de classes. A imagem de Lula, e não o ser humano concreto, de um operário que chegou à presidência, um trabalhador no poder, tem uma influência imensa nas fantasias coletivas. Os descontentamentos com o modo de produção capitalista, a insatisfação generalizada com a vida, a vontade de reaver uma satisfação genuína para a existência humana, tudo isso é canalizado para uma figura que explora esses desejos e os satisfaz parcialmente, de maneira ilusória, assim como qualquer mercadoria sem valor de uso real que é propagandeada como as soluções para todos os problemas. A vontade inconsciente de estraçalhar esta sociedade que nos oprime é direcionada para eleger um representante da manutenção desta mesma sociedade, mas que atinge as pessoas como um salvador, alguém que trará de volta a felicidade perdida e que está do mesmo lado de quem bate ponto na fábrica.

Considerações Finais

A classe dominante sabe da importância do apelo aos desejos e fantasias inconscientes que os líderes de estado devem provocar nas pessoas. É muito mais fácil controlar uma massa imensa de indivíduos quando eles coletivamente acreditam e se identificam com a figura que ocupa o governo (BERNAYS, 1928). É por isso que entre Bolsonaro e Lula não há tanta diferença, no que diz respeito aos interesses da burguesia. É verdade que frações de classe (VIANA, 2015) diferentes possuem pontos específicos que um ou outro favorece, e por isso cada fração tende a apoiar um projeto específico de governo que lhe agrada mais. No que se refere à totalidade de nossa sociedade, entretanto, ambos representam os mesmos interesses: realizar a manutenção do funcionamento mais ou menos estável da sociedade capitalista, manter a produção e acumulação de mais-valor e manter a luta de classes sob controle. Nesse quesito, não há candidato que não esteja alinhado e por isso um último ponto se faz necessário.

Não são apenas os candidatos e partidos que se utilizam das ferramentas de manipulação psicológica para seus ganhos pessoais. O processo eleitoral como um todo, como uma ferramenta do Estado capitalista, propaga-se através destas ferramentas. As eleições são oferecidas como oportunidade de escolha, de tomada de decisão sobre a vida social, de alternativas à forma como a sociedade está organizada. Tal representação, uma vez mais, não passa de uma mistificação. Os indivíduos que crescem privados da possibilidade de tomar decisões importantes sobre a vida pessoal e comunitária, reprimidos na infância e na vida adulta por figuras de autoridade que lhes foram impostas, anseiam por uma oportunidade de extravasar seu descontentamento e fazer valer sua voz, os seus desejos. A eleição serve como substituta às possibilidades reais de satisfazer esses desejos, apresenta indivíduos que carregam características que podem ser aprazíveis a uns, detestáveis a outros. Imputa a ideia de que a única possibilidade de ter uma voz é votar num representante, o seu representante. Com isso canaliza qualquer desejo de mudança social para o voto num candidato específico, que longe de ser representante de qualquer eleitor torna-se seu governante, alguém que pode mandar e desmandar sobre sua vida, de acordo com os interesses da classe dominante.

Por fim, é necessário que qualquer indivíduo que busque romper com a lógica atual, e militar numa organização revolucionária, tenha em mente esses processos de manipulação pois eles atingem não apenas as pessoas que acreditam no processo eleitoral, mas também os revolucionários que a princípio já romperam com valores da sociedade burguesa. Todos os indivíduos dessa sociedade passam pelas instâncias repressivas e pelo controle social cuidadosamente fabricado para manter essa sociedade funcionando. Todos possuem marcas inconscientes deste processo (SCHNEIDER, 1977). Compreender esse fenômeno pode ajudar a identificar essas manipulações e impedir que se caia em falsos discursos que servem apenas para garantir os interesses da classe dominante. Discursos como o perigo “fascista” atingem indivíduos genuinamente interessados na mudança social e servem ao mesmo propósito que o dito perigo “comunista”: manter as energias despendidas pelos movimentos e organizações na manutenção da ordem social, e não na sua destruição (BACHMANN, 2020).

As eleições são um grande espetáculo da sociedade burguesa e seus objetivos são garantir que o descontentamento e vontade de agir que estão reprimidos nas pessoas sejam extravasados para uma ação vazia que não ameaça a ordem dominante. O processo eleitoral cria a mudança (falsa) tão esperada, geralmente o “meu” candidato, e cria o inimigo (falso), geralmente o outro candidato. Neste palco, os eleitores dos dois lados digladiam-se acreditando estarem lutando pelo seu futuro, tomando parte nas decisões importantes e lutando contra o que eles acreditam ser a causa de seu sofrimento. Com isso há uma descarga importante dessa energia contida (e aqui há de se abrir uma concessão a Freud, há algo de sexual na liberação dessa energia “contida”) que é canalizada da forma mais segura possível para a sociedade capitalista, culminando na vitória de uma das figuras e um grande gozo coletivo da população que comemora a “nova era” como uma torcida de futebol comemora o campeonato. A outra parte não deixa de aproveitar a ocasião para conseguir expressar todos os problemas sociais que vivenciam como “culpa” do candidato que não escolheram (e nisso há o prazer de confirmar que tinham razão). A cada quatro anos, o ciclo se repete, euforia social cuidadosamente contida e dentro das normas que possibilita a liberação das frustrações sociais para que tudo mantenha-se como está. Como um ritual religioso de oferenda aos deuses que mantêm a chuva e a colheita, o ritual das eleições garante que a sociedade permaneça estável para produzir apesar de todas as suas tribulações.

Referências

BERNAYS, Edward L. Manipulating Public Opinion: The Why and The How. **American Journal of Sociology**, v. 33, n. 6, p. 958–971, 1928. Disponível em: <<https://www.journals.uchicago.edu/doi/10.1086/214599>>. Acesso em: 8 jul. 2022.

FROMM, Erich. **A Descoberta do Inconsciente Social**. São Paulo, Manole, 1992.

FREUD, Sigmund. Obras Completas. 4: **A interpretação dos sonhos** (1900). São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

FREUD, Sigmund. Obras Completas. 16: **O eu e o id, “autobiografia” e outros textos**: (1923-1925). São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos**: 1930-1936. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Obras Completas / Sigmund Freud, 18)

FREUD, Sigmund. Obras Completas. 6: **Três ensaios sobre A teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria (“O caso Dora”) e outros textos:** (1901-1905). São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

GEHRES, Isabel Wehle. **Máquinas de felicidade : a sociedade democrática de Edward Bernays.** 2021. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/235558>>. Acesso em: 8 jul. 2022.

BACHMANN, Guilherme. O Espantalho Fascista dos Antifascistas e a Luta Contra as Ilusões Democráticas. **Revista Enfrentamento**, v. 15, n. 26, 2020. Disponível em: <<https://redelp.net/index.php/renf/article/view/509>>. Acesso em: 10 jul. 2022.

LUKÁCS, Georg. **História e consciência de classe: estudos sobre a dialética marxista.** São Paulo: Martins Fontes, 2003.

MARX, Karl. **O capital.** 1. ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013. 894 p.

PEREIRA, Alan Ricardo Duarte; MARQUES, Edmilson; SANTOS, André de Melo; et al. **Erich Fromm e os dilemas humanos na sociedade moderna.** [s.l.]: Edições Redelp, 2020.

SCHNEIDER, M. **Neurose e Classes Sociais.** Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

VIANA, Nildo. A alienação como relação social. **Revista Sapiência: sociedade, saberes e práticas educacionais**, Iporá, v. 1, n. 2, p. 23-42, jul./dez. 2012. Disponível em <<https://repositorio.bc.ufg.br/handle/ri/16515> > Acesso em: 08/07/2022

VIANA, Nildo. Blocos Sociais e Luta de Classes. **Revista Enfrentamento**, ano 10, N. 17, jan/jun. 2015.

VIANA, Nildo Silva. Emancipação Feminina e Emancipação Humana. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 9, n. 107, p. 40–47, 2010. Disponível em: <<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/9767>>. Acesso em: 9 jul. 2022.

VIANA, Nildo Silva. Fromm crítico de Freud. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 10, n. 110, p. 41–50, 2010. Disponível em: <<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/10501>>. Acesso em: 8 jul. 2022.